

OBJETOS DIGITAIS DE APRENDÊNCIA ENQUANTO GÊNERO DO DISCURSO

Julia Cristina Granetto Moreira (UNILA)¹

RESUMO: A Tecnologia de Comunicação Digital vem se inserindo de forma crescente no cotidiano escolar, com isso, surge a necessidade de discutir sobre os materiais didáticos digitais que estão sendo elaborados, selecionados e apresentados aos estudantes, chamados neste trabalho de Objetos Digitais de Aprendizagem. Frente a isso, o intuito principal deste artigo é refletir sobre os Objetos Digitais de Aprendizagem procurando considerá-los como gênero do discurso. Apresentando o conceito, a função, os aspectos e características importantes no momento de elaborar ou selecionar um Objeto digital. As bases teóricas deste estudo fundamentam-se à luz da teoria dos gêneros do discurso de Bakhtin e outros autores que discutem sobre os Objetos Digitais de Aprendizagem e do momento da Cibercultura que estamos vivenciando.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros do discurso. Objetos Digitais de Aprendizagem. Tecnologia de Comunicação Digital.

RESUMEN: La Tecnología de Comunicación Digital se está introduciendo de forma creciente en el cotidiano escolar, con ello surge la necesidad de discutir sobre los materiales didáticos digitales que están siendo elaborados, seleccionados y presentados a los estudiantes, llamados en este trabajo de Objetos Digitales de Aprendizaje. Frente a ello, el propósito principal de este artículo es reflexionar sobre los Objetos Digitales de Aprendizaje buscando considerarlos como género del discurso. Presentando el concepto, la función, los aspectos y características importantes en el momento de elaborar o seleccionar un objeto digital. Las bases teóricas de este estudio se fundamentan a la luz de la teoría de los géneros del discurso de Bakhtin y otros autores que discuten sobre los Objetos Digitales de Aprendizaje y del momento de la Cibercultura que estamos viviendo.

PALABRAS CLAVES: Géneros del discurso., Objetos Digitales de Aprendizaje. Tecnología de Comunicación Digital.

INTRODUÇÃO

A chegada cada vez mais rápida e intensa das tecnologias digitais, com o uso cada vez mais frequente de computadores, Ipods, celulares e outros aparatos, requer do ambiente escolar práticas e sensibilidade focadas nesse contexto. Com base nesta afirmação, Castells afirma que não é a tecnologia que determina a sociedade e sim a sociedade que a determina: “a sociedade é que dá forma à tecnologia de acordo com as necessidades, valores e interesses das pessoas que utilizam as tecnologias” (CASTELLS, 2005, p. 17). Os estudantes passam a conviver com aparatos tecnológicos digitais não apenas no ambiente escolar, como também em todas as esferas da sociedade, desta maneira, espera-se da escola envolvimento e um olhar atento a essas práticas digitais, em que se considerem as tecnologias como imersas de forma efetiva na construção do conhecimento.

A tecnologia traz mudanças, mas é a sociedade, é o fazer pedagógico que vai fazer uso dela. Se a escola não se envolver poderá ser envolvida, sutil, silenciosa e sorrateiramente por mecanismos tecnológicos escusos, desfavoráveis à vida e ao planeta. Sua aplicabilidade vai depender dos rumos que lhe forem dados a

¹ Docente da Universidade Federal da Integração Latino-americana. Doutora em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: jugranetto@gmail.com

partir de uma clareza sociopolítica, clareza esta que virá de estudos aprofundados e percepção crítica que vise objetivos mais transparentes e condizentes com o mundo que se quer ressignificar, no âmbito do espaço escolar e ético-social (DAL MOLIN, 2003, p. 76).

Diante deste contexto, as Tecnologias de Comunicação Digital (TCD)² transformaram as pessoas em participantes do processo comunicativo, os quais deixam apenas de receber informações, passando a produzi-las, emitindo sua própria voz e analisando as vozes que emitidas se cruzam, exemplo disso são materiais didáticos digitais produzidos por professores, que neste trabalho são chamados de Objetos Digitais de Aprendizagem (ODA).

Em tempos de cibercultura, ou seja, essa nova cultura digital que descreve as práticas, atitudes, maneira de pensar e valores que se desenvolvem no ciberespaço a enunciação digital faz emergir gêneros discursivos novos que, mesmo apoiando-se sobre os gêneros pré-existentes, são frutos da sociedade virtual. O ciberespaço, assim, é o ambiente para o surgimento e uso de novos gêneros, derivados de novos usos e novas formas de linguagem e práticas sociais.

Para o autor Pierre Lévy (1999) o ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores, o termo especifica “não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (p. 17).

Com esta temática, o objetivo deste estudo é verificar como podemos caracterizar os Objetos Digitais de Aprendizagem enquanto gênero do discurso. O arcabouço teórico está pautado nos estudos de Bakhtin a respeito dos gêneros e de autores que discutem sobre os objetos digitais, como Willey, Roncarelli, Camarella, Granetto e outros. Para se entender os ODA como gênero do discurso é importante que os mesmos estejam situados na esfera digital, tendo como suporte os repositórios.

Iniciamos o artigo refletindo a respeito da nova sociedade, com a presença da Tecnologia de comunicação digital, da Era da Cibercultura e dos novos gêneros discursivos. Na sequência, com base nas reflexões teóricas, discorreremos sobre o ODA, conceituando-o e apresentando suas características a fim de considerá-lo enquanto gênero discursivo e sua função na esfera digital. Por fim, apresentamos seu conteúdo temático, construção composicional e estilo como elementos construtivos.

EM TEMPO DE CIBERCULTURA, NOVOS GÊNEROS DISCURSIVOS

O surgimento de novas maneiras de se comunicar cresceu muito na última década, com a presença das redes sociais, aplicativos e outros meios. Para elucidar melhor essa afirmação, podemos citar como exemplo o WhatsApp Messenger, um aplicativo multiplataforma que permite trocar mensagens pelo celular, sem custos, e o que o difere dos Sms³ é que além das mensagens básicas, os usuários do WhatsApp podem criar grupos, enviar mensagens ilimitadas com imagens, vídeos e áudio. Este aplicativo é um exemplo claro de um suporte, que funciona como um repositório e que possibilita novos gêneros do discurso. Sob essa ótica, revela Bakhtin:

a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce

² O termo Tecnologia de Comunicação Digital (TCD) foi adotado tendo como base a tese *Taxionomia para a Mediação Pedagógica em Tecnologia de Comunicação Digital*, de autoria de Araci Catapan, o termo “concerne às novas formas de informação e comunicação com base na linguagem digital” (CATAPAN, 2001, p. 16).

³ Sms: (short message service) Serviço de mensagens curtas – Tradução nossa.

e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (BAKHTIN, 2003, p. 262).

Como nos expõe Bakhtin, o repertório dos gêneros cresce gradativamente com o desenvolvimento de determinado campo, o gênero “procura compreender a linguagem como prática social e como sistema metafuncional de significações que medeia as relações intersubjetivas, cria e recria representações da realidade social” (RODRIGUES, PEREIRA, 2009, p.04). O mesmo também ocorre com a tecnologia digital que, quanto mais ampliada, mais gêneros surgem, sendo que eles não estão presentes apenas para facilitar a comunicação do dia a dia, como o WhatsApp, anteriormente citado, eles vão além, situados também no âmbito escolar, onde temos a ocorrência de novos gêneros decorrentes da TCD, como é o caso dos Objetos Digitais.

Para nos comunicar, sempre optamos por um determinado gênero, e tal opção determina-se em função da comunicação que se pretende estabelecer. No caso dos Objetos Digitais de Aprendizagem (ODA), comumente usado no ambiente educacional, tanto na modalidade presencial como a distância, a escolha pode ser feita pelo professor que seleciona o ODA e o disponibiliza aos seus estudantes, ou partindo dos próprios discentes, que com o auxílio e facilidades da internet tem acesso a diversos ODA de forma gratuita e livre, necessitando apenas de um site buscador.

De acordo com Bakhtin (2003), não há limites para os gêneros do discurso, pois eles estão relacionados com as múltiplas atividades da vida social. Nesse sentido, os gêneros desenvolvem-se em proporção ao desenvolvimento das atividades humanas. Pensando na Era Tecnológica que estamos vivenciando, fica evidente a presença e a usabilidade de novos gêneros, assim, podemos afirmar que eles transmutaram-se na sociedade hodierna, em função das TCD e se constituíram em novos gêneros, como é o caso dos e-mails, blogs, chats, dentre outros que ainda estão ganhando força e forma.

Estabelecendo relação entre os gêneros e as necessidades da sociedade, que prezam cada vez mais por meios tecnológicos digitais, o pesquisador Xavier (2005, p.135) comenta: “os dispositivos informáticos hoje disponíveis na rede digital de comunicação possibilitam a criação de formas sociais e comunicativas inovadoras que só nascem pelo uso intenso das novas tecnologias”.

Bakhtin (2003) define os gêneros como tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo que eles se constituem a partir das esferas de atividade desenvolvidas pelos sujeitos. Partindo da premissa de que as “esferas da atividade humana” fazem surgir os gêneros, Bakhtin discute que cada esfera de atividade humana é um lugar de circulação de discursos, ou seja, o uso da língua se efetiva na forma de enunciados que se constituem nessas esferas. Como percebemos, a internet é tida como uma nova esfera de circulação dos gêneros, a qual torna possível o estabelecimento de novas práticas discursivas.

Outro aspecto discutido por Bakhtin (2003) é quanto os gêneros discursivos primários e secundários. Os primários são constituídos de gêneros mais simples, do dia a dia, como uma carta, uma conversa, um bilhete, etc. Já os secundários são compostos por gêneros mais híbridos, que necessitam de um processo de elaboração, os quais “aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída” (BAKHTIN, 2003, p. 281). Podemos afirmar que na esfera digital esse aspecto também é observado, por exemplo: um chat ou um Sms podem ser considerados como gêneros simples, em contrapartida, um blog ou até mesmo um ODA se caracterizariam como secundários.

OBJETOS DIGITAIS DE APRENDÊNCIA ENQUANTO GÊNERO DO DISCURSO

Com relação ao ensino, modificações importantes são propiciadas na forma pela qual os materiais educacionais são planejados, construídos, disponibilizados e entregues àqueles que desejam aprender. Com o avanço da TCD, e com o crescimento de seu uso para fins educativos, surge um novo modo de pensar em materiais e recursos didáticos, em consonância com a Era Tecnológica, chamados de Objetos Digitais de Aprendizagem, possibilitando novos caminhos para a práxis pedagógica.

Entre as diversas possibilidades de potencializar o acesso ao conhecimento, destaca-se o papel que ocupam os ODA, que não apenas proporcionam uma maior interatividade na forma de transmissão de conteúdo, como também potencializam e possibilitam um novo modo de construir conhecimento.

Pelo seu recente uso na literatura, ainda não há um consenso sobre as definições de Objetos Digitais de Aprendizagem. Constatam-se inclusive divergências com relação a sua classificação, dentre as terminologias encontramos: Objeto de Aprendizagem (OA), Objeto Educacional (OE); Objeto Virtual de Aprendizagem (OVA); Objeto de Conhecimento (OC); Materiais de Aprendizagem online (MAO); Recursos de Aprendizagem (RA); Objeto digital de ensino-aprendizagem (ODEA), dentre outras GRANETTO, 2014).

Adotamos para este estudo a terminologia ODA, pois acreditamos que as outras compreendem que os objetos podem ser qualquer dispositivo que seja considerado e tenha finalidade educativa, como um livro, uma apostila, etc, já o ODA é um termo que compreende a presença do digital, garantindo e envolvendo a TCD. Neste trabalho, considera-se como ODA todo e qualquer material disponível na Web que tenha objetivo pedagógico, podendo conter vídeo, hipertexto, ou até mesmo uma animação com áudio e recursos mais avançados.

Consideramos um Objeto Digital de Aprendizagem (ODA), a partir dos princípios da Aprendizagem, ou seja, uma linha de atuação e de estratégia didática pedagógica que se traduz como sendo um contínuo processo de ensinar e aprender. O nome traduz uma preocupação em tecer considerações sobre um Objeto que se construa em sentido cooperativo, interativo e leve sempre à produção de novos conhecimentos.

Utilizamos o conceito de aprendizagem por aceitar e inferir que em ambientes mediados pela Tecnologia de Comunicação Digital os atos de aprender e ensinar apresentam uma fronteira mais tênue de maiores conexões e trânsito entre ambos. Assim, torna-se mais evidente a interrelação que existe entre o que está posto para ensinar e aprender, com quem está posto, como o que se coloca em posição de aprender e ensinar, com suas dúvidas, questionamentos e percepções que levam quem deve ensinar a um estado de constante processo de busca do conhecimento para novas situações mais fluidas e de maior volume.

Consideramos um Objeto Digital de Aprendizagem como um recurso digital com finalidade pedagógica, que tem como intuito facilitar a construção de conhecimentos dos aprendentes, compreendidos, por esta palavra os estudantes. Esses que serão estimulados a produzir novos conhecimentos e os professores que, a cada testagem e aplicação do ODA, se sentem comprometidos em aprimorá-lo quer na criação, quer no seu emprego e nas diversas situações contextuais, singulares ou coletivas. Os Objetos Digitais de Aprendizagem surgem com o objetivo de “serem instrumentos dessa nova forma de educar, facilitando a disponibilidade e acessibilidade da informação no ciberespaço” (GRANETTO, 2014, p. 44).

Wiley (2000), um dos pesquisadores pioneiros sobre Objetos de Aprendizagem, considera que eles são qualquer recurso digital disponível na Rede que pode ser compartilhado, desde que possa ser reutilizado como suporte ao processo de ensino-aprendizagem. Ele ainda argumenta que quanto menor a unidade do objeto, maior o número de situações educativas em que pode ser usado.

Já para Comarella (2015, p. 18), um objeto de aprendizagem “é entendido como uma microunidade de ensino, que integra um conjunto de informações denominado metadados, que o descreve e o identifica, permitindo ser localizado, utilizado e reutilizado”. A autora ainda argumenta que um ODEA é elaborado como uma microunidade de ensino, que pode ser simples ou composta por dois ou mais objetos. Ele pode ser também reformulado ou readequado a um novo contexto de utilização como uma evolução de um objeto já existente (COMARELLA, 2015). Para Roncarelli (2012, p. 42) os “Objetos de aprendizagem podem ser imagens, arquivos digitais, vídeos, animações e simulações, desde que contempladas as questões didático-metodológicas concernentes ao objeto”.

Os Objetos Digitais de Aprendizagem surgem, pois, com o objetivo de serem instrumentos dessa nova forma de educar com a presença da TCD, facilitando a disponibilidade e acessibilidade da informação no ciberespaço. É uma terminologia recente que vem sendo cada vez mais incorporada no ambiente educativo, capaz de auxiliar no processo educacional, fornecendo um ambiente onde o aluno possa interagir com o computador e, assim, de forma lúdica, trabalhar um determinado conteúdo curricular. No entanto, para que isso ocorra de forma significativa, a construção e posterior aplicação desse gênero do discurso deve observar características básicas para que este possa contribuir diretamente no aprendizado do estudante, com isso, é necessário atentar a itens como: presença de imagens, som, sem perder as demais características hipertextuais e interativas.

Sob a luz da teoria de Bakhtin podemos considerar o ODA como sendo gênero do discurso, pois perpassa por todo o processo de produção, circulação e recepção de enunciados de uma língua. Para Bakhtin (2003), existem três elementos essenciais que constituem os gêneros, sendo eles: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Assim, quando fazemos uso de um determinado gênero do discurso, o fazemos de um lugar social, de uma esfera de atividade humana, recorrendo a uma construção composicional, a qual determina a organização do enunciado e apresentamos um estilo que revela a forma de dizer/escrever individual, obedecendo as regras de uso da língua. O ODA, enquanto gênero, acomoda em seu interior um conteúdo temático, um estilo de linguagem e uma construção composicional própria. Como explica Bakhtin (2003):

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, para seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente, é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2003, p. 279).

O conteúdo temático refere-se ao tema do gênero discursivo, o qual se situa no tempo e no espaço, ou seja, ele considera o contexto, tido como um fenômeno histórico “somente a enunciação tomada em toda a sua amplitude concreta, como fenômeno histórico, possui um tema” (BAKHTIN, 2004, p. 129). A construção composicional corresponde à organização referente às peculiaridades que o gênero em questão pede. A estrutura que cada gênero possui. E por fim o estilo, que correspondente às características necessárias para que o gênero seja reconhecido como tal, o estilo está relacionado ao autor, onde as escolhas feitas por ele podem revelar sua individualidade e marcar sua autoria, a respeito disso, Bakhtin expõe:

O estilo linguístico ou funcional nada mais é senão o estilo de um gênero peculiar a uma dada esfera da atividade e da comunicação humana. Cada esfera conhece seus gêneros, apropriados a sua especificidade aos quais correspondem determinados estilos (BAKHTIN, 2003, p. 284).

É necessário ressaltar que os três aspectos que constituem um gênero do discurso, conforme Bakhtin, estão intimamente relacionados, “O estilo é indissociavelmente vinculado a unidades temáticas determinadas e, o que é particularmente importante, a unidades composicionais” (BAKHTIN, 2003, p. 284).

AS PERSPECTIVAS DOS GÊNEROS DISCURSIVOS

Como nos coloca Bronckart (2003) “conhecer um gênero é também conhecer suas condições de uso, sua pertinência, sua eficácia ou, de forma mais geral, sua adequação em relação às características desse contexto social” (BRONCKART, 2003, p. 48). Nesse sentido, se faz necessário conhecer a arquitetura dos ODA sob a teoria dos gêneros discursivos, mesmo ainda sendo um gênero que timidamente se apresenta na literatura.

Alguns aspectos são importantes no momento de produzir e selecionar um ODA, como: campo de interesse da Instituição/Curso que está desenvolvendo os objetos, contexto do desenvolvimento, seleção de conteúdos, sistema de revisão por pares, formato de armazenamento, desenvolvimento de sistemas de buscas e gerenciamento de perfis de usuário (NEVEN; DUVAL, 2002). Já com relação às características necessárias em um ODA, Silva, Café e Catapan (2010), afirmam que se faz necessário a acessibilidade, reusabilidade, interoperabilidade, portabilidade e durabilidade.

Acessibilidade: devem possuir uma identificação padronizada que garanta a sua recuperação; **Reusabilidade:** devem ser desenvolvidos de forma a compor diversas unidades de aprendizagem; **Interoperabilidade:** devem ser criados para serem operados em diferentes plataformas e sistemas; **Portabilidade:** devem ser criados com a possibilidade de se mover e se abrigar em diferentes plataformas; **Durabilidade:** devem permanecer intactos perante as atualizações de software ou hardware (SILVA; CAFÉ e CATAPAN, 2010, p. 96, grifo da autora).¹

Com relação à construção composicional, que determina a organização de um determinado gênero discursivo, um ODA necessita ir além da aprendizagem de vocabulários soltos, como comumente utilizado no ensino tradicional e cartesiano, buscando o envolvimento com a temática, a organização dos enunciados de acordo com a sequência do conteúdo, perpassando o formato linear.

Para superar o formato linear, até então principal modelo presente nos materiais didáticos tradicionais, a hipertextualidade é um dos efeitos responsáveis, apresentando zoom, movimento, cores, fugindo dos aspectos ligados unicamente à linearidade.

Motter ressalta que um Objeto digital em forma de hipertexto, “rejeita o fluxo unidimensional de texto e quebra a linearidade em unidades de informação” (MOTTER, 2013, p. 145). Desta forma, diante do hipertexto, todo o conhecimento até então disponível no ciberespaço, está ao alcance, se potencializa, uma vez que está trafegando a uma impressionante velocidade, assim, “o hipertexto representa sem dúvida um dos futuros da escrita e da leitura” (LÉVY, 2004, p. 19).

Um ODA, além de permitir a combinação de diferentes linguagens, também pode oferecer a “possibilidade de organização dos fluxos informacionais em arquiteturas hipertextuais” (MOTTER, 2013, p. 145), articulando os conteúdos trabalhados de modo hipertextual, estabelecendo links com outros textos, com imagens, vídeos, com referencial

extra, com várias mídias disponibilizadas e principalmente como um exercício transdisciplinar necessário a um outro modo do fazer pedagógico, que se constitua em um processo abrangente e rico de vivências educativas (DAL MOLIN, 2008).

Os Objetos Digitais de Aprendizagem são instrumentos que promovem novas possibilidades no desenvolvimento de conteúdos digitais. A aplicação de seus aspectos torna mais eficiente a atualização de conteúdos do ODA, reduzindo tempo e custo de desenvolvimento. Na elaboração de Objetos Digitais de Aprendizagem é necessário considerar o aspecto hipertextual presente, é uma relação imbricada que permite uma abertura para outras direções. A utilização de uma arquitetura de Objetos Digitais de Aprendizagem elaborada sob os aspectos da hipertextualidade abre novas possibilidades de ensinar e aprender condizentes com a nova era do saber.

Os ODA desenvolvidos são organizados e armazenados em servidores, como são chamados os repositórios digitais. Temos alguns repositórios com o intuito pedagógico que abrigam ODA, como é o caso do BIOE (Banco Internacional de objetos de aprendizagem) RIVED (Rede Interativa Virtual de Educação – MEC), Portal do Professor – MEC e outros. Se considerarmos a esfera de circulação dos ODA, podemos afirmá-la como digital, tendo os repositórios como suporte.

A partir do que foi exposto, para que um Objeto digital de aprendizagem seja considerado com um gênero do discurso é importante que alguns critérios sejam levados em conta, como a presença de: a) Um título, que muitas vezes é o próprio assunto ou conteúdo; b) uma breve apresentação do tema exposto; c) Imagens que representam o conteúdo d) animação, que pode ser pela presença de zoom, gifs; e) som, no qual são selecionados músicas referentes ao conteúdo, ou até mesmo gravações de áudio do autor e f) link a outros sites contendo informações sobre o conteúdo abordado.

Sendo que esses critérios juntamente com outros aspectos estéticos como cores, fontes, movimentos etc, são fundamentais para que os Objetos Digitais de Aprendizagem superem a mera transposição dos materiais didáticos tradicionais ao formato digital, como exemplo a leitura linear. Necessitamos em tempos de cibercultura criar outras e novas formas de ofertar a construção do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ensinar e aprender-aprendizagem sempre foi um grande desafio, e em tempos de cibercultura ainda mais, pois além dos conteúdos disciplinares, somos conclamados a assimilá-los com novas capacidades oriundas das Tecnologias de comunicação digital, para interagir com as atuais práticas sociais e serem de fato significativas.

São riquíssimas as práticas sociais, assim como os gêneros do discurso de que dispomos; com base neste trabalho foi possível compreender o ODA como um gênero discursivo e, com isso, conhecê-lo e empregá-lo no processo comunicativo é de suma importância para o crescimento social e intelectual, tanto dos professores como dos estudantes.

Percebemos o quanto é difícil caracterizar a arquitetura do gênero do discurso ODA, pois o mesmo, por ser um termo recente e sua usabilidade também, ainda está em processo de construção. Neste sentido, torna-se desafiante e necessário o conhecimento e aplicação dos novos gêneros do discurso no ambiente escolar, pois quanto mais dominamos um gênero, melhor o empregamos. Com isso, é necessário mais estudos e investigações procurando analisar e conceituar aos Objetos Digitais de Aprendizagem enquanto gêneros do discurso.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. Trad. Anna Maria Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC, 2003.
- COMARELLA, Rafaela Lunardi. **Gênesis - gestão de objetos digitais de ensino-aprendizagem: construindo um modelo**. Tese (Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, 2015.
- CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo (Orgs.). **A Sociedade em Rede: do conhecimento à ação política**; Conferência. Belém (Por): Imprensa Nacional, 2005.
- CATAPAN, Araci Hack. **Tertium: o novo modo do ser, do saber e do apreender: Construindo uma Taxionomia para Mediação Pedagógica em Tecnologia de Comunicação Digital**. Tese (Doutorado em Mídia e Conhecimento). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, 2001.
- DAL MOLIN, Beatriz Helena. **Do Tear à Tela: uma tessitura de linguagens e sentidos para o processo de aprendizagem**. Florianópolis, 2003, 237 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção), Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis – SC, 2003.
- _____. **Mapa referencial para construção de material didático para o Programa e-Tec Brasil [et al.]** – Florianópolis: UFSC, 2008.
- GRANETTO, Julia Cristina. **XANADU: Hipertextualidade, Objetos Digitais De Ensino-Aprendizagem em Língua Espanhola, Formação Continuada dos Professores – Interfaces**, 2014, 119 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras, UNIOESTE, Cascavel – PR, 2014.
- LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia no ciberespaço**. 3ª. Edição. São Paulo: Editora Loyola, 1999.
- _____. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Editora. 34, 2004.
- MOTTER, Rose Maria Belim. **MY WAY: um método para o ensino-aprendizagem para língua inglesa**. 2013. 281f. Tese. (Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento), Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, UFSC, Florianópolis - SC, 2013.
- NEVEN, F; DUVAL, E. Reusable learning objects: a survey of LOM-based Repositories. In: ACM INTERNATIONAL CONFERENCE ON MULTIMEDIA, Juan-les-Pins. **Proceedings**: ACM, 2002.
- RODRIGUES, Rosângela Hammes. PEREIRA, Rodrigo Acosta. Perspectivas atuais sobre gêneros do discurso no campo da lingüística. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura**. Ano 05 n.11 - 2º Semestre de 2009.
- RONCARELLI, Dóris. **ÁGORA: concepção e organização de uma taxionomia para análise e avaliação de Objetos Digitais de Ensino-Aprendizagem**. Florianópolis, 2012, 288 f. Tese (Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento), Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, UFSC, Florianópolis – SC, 2012.
- SILVA, Lúcia. Edna; CAFÉ, Lígia; CATAPAN, Araci. Hack. Os objetos educacionais, os metadados e os repositórios na sociedade da informação. In: **Ciência da informação**. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia.v. 1, n. 1 (1972) – Brasília, 1972. Ci, Inf. Brasília, DF, v. 39 n. 3, p. 93-104, set./dez. 2010.
- XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. Letramento digital e ensino. In: Carmi Ferraz Santos e Márcia Mendonça. (Org.). **Alfabetização e Letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 133-148. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehete/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf>
- WILEY, D. A. **Connecting learning objects to instructional design theory: A definition, a metaphor, and a taxonomy**. 2000. Disponível em: <<http://www.reusability.org/read/>>.

Recebido em 27-12-2018.

Aceito em 26-03-2019.